

PROFISSIONALISMO “MARRON” DO FUTEBOL E A IMPRENSA PAULISTA (1920-1930)

Walter Yamandu

Universidade Bandeirante de São Paulo

São Paulo, Brasil

wtryamandu@hotmail.com

Dr. Edivaldo Góis Junior

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

egoisjunior@gmail.com

Recebido em 7 de abril de 2012

Aprovado em 15 de maio de 2012

Resumo

Neste ensaio descrevemos o processo histórico que culminou com a profissionalização do futebol em São Paulo a partir da mídia impressa dos anos de 1920 e 1930. Tivemos como objetivo identificar o posicionamento da mídia paulista sobre a profissionalização. Para isso, realizamos uma pesquisa histórica e documental sobre o tema nos periódicos paulistas de maior circulação, e o comparamos com a literatura especializada. Concluímos que o desencadeador do processo de profissionalização do futebol em São Paulo foi a disputa entre os clubes para a formação de equipes mais competitivas, e a ameaça de êxodo dos melhores jogadores para outros mercado esportivos.

Palavras-chave: história; futebol; São Paulo.

Abstract

Inglorious professionalism and the press in São Paulo (1920's and 1930's)

This study describes the historical process that led to the professionalization of soccer in São Paulo from the print media of 1920's and 1930's. Our objective was to identify the positioning of the media about the professionalization of soccer in city. For this, we conducted a historical research in the newspapers of largest circulation, and

compared with the literature. We conclude that the triggering of the process of professionalization of soccer in São Paulo was the dispute between the clubs to form teams more competitive, and the threat of losing the most players to other countries.

Keywords: history; soccer; São Paulo.

Introdução

Em meio a tantos assuntos relacionados ao futebol, a história do profissionalismo envolve mitos, verdades, relatos de jogadores da época, jornalistas, políticos, empresários que viveram paralelamente a introdução e desenvolvimento do futebol junto com as transformações do início do século XX no Brasil. Coincidentemente o futebol brasileiro apresenta atualmente um problema parecido com um dos principais motivos que levou à sua profissionalização há oitenta anos, a saída dos melhores jogadores para diversos países no exterior.

A excessiva demonstração de preconceito da elite no final do século XIX e início do XX contra a classe proletária e os diversos interesses provenientes do aumento da popularidade do futebol nos leva a uma pergunta: Quais as relações entre amadorismo e profissionalismo na história do futebol paulista?

Neste ensaio, analisamos o processo histórico que acarretou à profissionalização do futebol paulista.

Segundo Giulianotti (2002) o futebol no final do século XIX e início do XX privilegiava o amadorismo. Geralmente, o futebol era praticado pelas elites aristocráticas ou pela classe média urbana, que procuravam noções de identidade nacional através do jogo.

No caso específico do Brasil, para Soares (2001) a história do futebol envolveu mais precisamente o dilema entre profissionalistas e amadores do que um conflito entre raças e suas representações ideológicas.

Para descrever esta temática realizamos uma pesquisa documental em jornais e livros, no período entre os anos de 1920 e 1930. Procuramos levantar notícias sobre o amadorismo e a profissionalização do futebol paulista. Comparamos estas fontes primárias com as interpretações construídas pela literatura especializada.

Os debates em torno do profissionalismo

Segundo Caldas (1990) havia instituições paulistanas e cariocas que defendiam o amadorismo do futebol, como a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atlético), e a APEA (Associação Paulista de Esportes Atlético), bem como a dissidente LAF (Liga Amadora de Futebol) em São Paulo. Desse modo, o futebol seria um esporte mais acessível aos jovens da alta sociedade pelo menos nos clubes elegantes. Mas nas duas cidades, pessoas trabalhavam abertamente para a implantação do profissionalismo, em substituição do profissionalismo “marrom”. Onde atletas das classes populares eram pagos ilegalmente para compor as equipes dos clubes.

Muitas eram as divergências em torno da questão da profissionalização do futebol.

A elite e dirigentes eram contra a profissionalização, a imprensa era a favor. Jogadores começam a abandonar seus clubes para jogarem em países que o futebol já era profissional, tais como Uruguai, Argentina e Itália. Alguns jogadores, inclusive, chegando a mudar de sobrenome para jogar na Itália (CALDAS, 1990).

Pereira (2000) observa que já não era novidade a remuneração para os atletas do futebol. Exemplifica este evento com a descrição do caso do atleta Fausto do Vasco da Gama. Ele decidiu abandonar a delegação do clube numa excursão pela Europa em troca de um contrato milionário. Este contexto despertou entre os jogadores daquela

época um grande interesse em fazer o mesmo. Como, por exemplo, Domingos da Guia, quando questionado se frente a uma proposta dessas, trocava o Vasco pela Espanha? Domingos respondeu que acabaria não voltando.

Pereira (2000) relata que a posição de Domingos, explicitada em um momento no qual o profissionalismo ainda não havia sido legalizado, seria, para muitos, uma demonstração de falta de caráter de alguns jogadores. Também Salles (2004) ressalta o depoimento de um antigo adepto do amadorismo, Marcos Mendonça, ex-jogador do Fluminense que parara de jogar nos primeiros sinais do profissionalismo “marrom”:

Mas há para a mocidade de agora um perigo maior, ameaçando de um mal mais grave aqueles que não têm em si a energia e a serenidade necessária para enfrentá-lo. Refiro-me à desgraçada avalanche que ameaça os alicerces Moraes de todas as organizações esportivas do mundo: o profissionalismo, resultante da substituição gradativa dos princípios idealistas pelos utilitaristas entre as classes moças das sociedades universais (*apud* SALLES, 2004, p. 197).

Em nossa pesquisa documental encontramos livros da década de 30, que já problematizavam a questão. Em um deles encontramos depoimentos de atletas sobre o desejo de jogar na Europa (CORREA, 1937). Nos termos do jogador Amilcar Barbuy:

Vou para a Itália. Cansei de ser amador no futebol onde essa condição há muito deixou de existir, maculada pelo regime hipócrita da gorjeta que os clubes dão aos seus jogadores, reservando-se para si o grosso das rendas. Os clubes enriqueceram e eu não tenho nada. Vou para o país onde sabem remunerar a capacidade do jogador (*apud* CORREA, 1937, p. 127).

Apesar da popularização do futebol, clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro não aceitavam a profissionalização, alegando que jogadores e públicos pertenciam às classes elitizadas, sendo assim não haveria motivos para a profissionalização. Mas na maioria dos casos isto era um subterfúgio, para reduzir os gastos. Nos termos de Correa (1937):

E a proporção que o futebol se desenvolve nas principais cidades do Brasil e seu público se fazia mais exigente, o processo da importação tomava vulto. Já não havia mais escrupulo de bater os campos dos subúrbios, as barreiras e as varzeas. O soccer deixava de ser privilégio exclusivo dos almofadinhas, dos meninos ricos, dos filhos dos “pais da pátria” para ser jogado na totalidade pelos rapazes pobres (p. 21).

Ao contrário do final dos anos de 1920, a década anterior tinha punições mais severas para o profissionalismo. No ano de 1916 o futebol paulista oscila mesmo no amadorismo e semiprofissionalismo praticado por alguns jogadores que não poderiam assumir essa condição, já que isso significaria a expulsão imediata da federação que o clube estivesse associado. Foi o que aconteceu com Scottish Wanderers no mesmo ano, por prática comprovada do profissionalismo (CALDAS, 1990).

Segundo Caldas (1990) a popularidade cada vez maior do futebol obrigava politicamente, os diretores dos clubes “contratarem” bons jogadores. Só com uma equipe competitiva e seguidas vitórias, alguns poderiam manter sua autoridade política no clube e pensar em sua ascensão na política nacional.

Começa a desaparecer, nesse momento, de forma definida o caráter elitista do futebol. A pressão das torcidas em busca de vitórias foi o que determinou a popularização do futebol, essa pressão obrigava as equipes a presença de jogadores não pertencentes à elite. Em 1923 o Vasco da Gama, uma equipe composta por negros mulatos e operários analfabetos torna-se campeão carioca. Era uma humilhação para os times nobres, a partir disso criaram a AMEA e convidaram o Vasco para integrá-la, porém sem a mesmo poder político anterior, desprestigiando o clube (SOARES, 1998; SALLES, 2004).

Soares (2001) afirma que não necessariamente foi o Vasco, como clube, que rompeu com o racismo, pois outras equipes já disputavam jogos com negros e mestiços, o interesse maior do Vasco era montar uma equipe forte.

A partir da década de 1930, clubes passam a defender com o apoio da imprensa o profissionalismo como forma de romper com o profissionalismo “marrom” mais estruturado em meados dos anos de 1920. Caldas (1990) descreve que Antônio Gomes de Avelar, presidente do América Futebol Clube, em 1932, tornou pública a primeira atitude concreta a favor do profissionalismo. Juntaram-se a ele os presidentes do Fluminense, do Bangu, do Vasco da Gama, defendendo a imediata profissionalização do atleta. O grupo conservador representado pelo presidente da AMEA, Sr. Rivadávia Mayer, junto com os presidentes do Botafogo, São Cristóvão e Flamengo, lutavam para manter o amadorismo.

E assim em janeiro de 1933, o Fluminense, o Vasco, o Bangu e o América constituem a primeira entidade esportiva profissional da cidade, a Liga Carioca de Football.

À medida que o novo regime ia-se consolidando, mais vantajosas eram as propostas oferecidas a eles, que trariam de volta ao país muitos dos ídolos que jogavam no exterior – como já fora o caso de Fausto, contratado em 1933 pelo Vasco. A conquista do campeonato de 1933 pelo Bangu, time repleto de negros, atizaria ainda mais a voracidade dos dirigentes vascaínos. Não tardaria para que o clube, no ano seguinte, oferecesse a Domingos e a Leônidas vultosas quantias para garantir seu regresso ao futebol carioca – trazendo ambos para a forte equipe que montava para o campeonato daquele ano. Consolidava-se, assim, a instituição do profissionalismo em terras cariocas (PEREIRA, 2000, p. 327).

Em São Paulo, a profissionalização do futebol carioca repercutiu rapidamente. A imprensa paulistana noticia o fato no dia seguinte à criação da Liga Carioca, o *Correio de São Paulo* destacou, no dia 24 de janeiro de 1933, no dia 25, o jornal *O Estado de São Paulo* também não ignora o fato:

Rio, 24 (UTB) – Completando os informes de ontem a noite, na reunião realizada na sede do Fluminense tomaram parte os representantes dos clubes da AMEA para em segunda sessão, já do

domínio público, da implantação do regime profissional do futebol carioca, com a fundação da liga carioca de futebol.¹

O Sr. Oscar Costa, presidindo a reunião, declarou aberto os trabalhos, dando a palavra ao Sr. Arnaldo Pinto que disse ser público e notório que existia uma dissensão entre os clubes do conselho de fundação da AMEA, assim achava que o presidente devia por em votação a questão da implantação ou não do profissionalismo no futebol carioca. O presidente da reunião tomou os votos preliminares com o seguinte resultado: a favor do profissionalismo: America F.C., Bangu A.C., Fluminense F.C. e C.R. Vasco da Gama; contra o profissionalismo, Botafogo F.C., C.R. Flamengo, São Cristóvão F.C..

Apurados estes votos o presidente declara que tendo havido maioria de 4 a 3 declarava fundada a Liga Carioca de Futebol.²

Segundo Mário Rodrigues Filho (2003) jogadores que ficaram nas equipes contra o profissionalismo, começam a abandonar seus clubes e o Bangu equipe composta na sua maioria por mulatos e negros, sagra-se campeão. Justamente no ano da oficialização do profissionalismo no futebol.

Algumas fábricas que eram clubes ou que tinham equipes de futebol como o Bangu, o Votorantim *Athletic Club* e a Regoli e Cia. Ltda. (que mais tarde seria o Clube Atlético Juventus) se tornaram comuns. Assim como os clubes de futebol, as fábricas que tinham equipes tinham seus cuidados com os jogadores operários, oferecia-se remuneração especial sob forma de pequenos presentes e serviços, inclusive um segundo salário, que mesmo na época que o profissionalismo começava a se consolidar no futebol brasileiro o jogador operário, via de regra, não conseguia se sustentar com um dos salários, vendo-se obrigado a trabalhar para a fábrica e jogar nos finais de semana representando a fábrica (ANTUNES, 1994).

Com o passar do tempo e o desenvolvimento do profissionalismo, operários jogadores se transformaram exclusivamente em atletas, passando a viver exclusivamente do futebol. Os exemplos daqueles que alcançaram a fama como

¹ “Com a fundação da Liga Carioca de Futebol foi implantado o profissionalismo no esporte da Capital Federal.” Correio de São Paulo, 24 jan. 1933, p. 6.

² “Foi fundada no Rio uma Liga Profissional de Futebol”. O Estado de São Paulo, 25 jan. 1933, p. 6.

jogadores fortaleciam o sonho da ascensão social através do futebol (ANTUNES, 1994). Desses casos quem mais se destacou no Rio de Janeiro foi Garrincha que começou sua carreira como operário jogador em 1949 no time do *Sport Club* Pau Grande.

A imprensa paulista e o profissionalismo

Com o crescimento do futebol, e sua profissionalização, a imprensa brasileira dá mais atenção ao fenômeno esportivo. Esse processo consolidara uma sólida indústria em torno do futebol e ajudara a dar um prestígio ainda maior aos ídolos esportivos.

Sobre a importância da imprensa no esporte Lovisolo (2001) cita que:

É bem possível que o esporte moderno não existisse se os jornais e os jornalistas o tivessem ignorado. As notícias e as matérias dos jornalistas sobre os esportes foram e são elementos constitutivos do jornalismo e do esporte moderno. Jornais, rádio, noticiários para cinemas, televisão e o próprio cinema, com rosário de filmes que focalizam os esportes, os esportistas e os torcedores, foram parceiros dos esportes ao longo dos últimos cem anos (p. 77).

Por isso, em São Paulo, a imprensa teve papel relevante na discussão sobre a profissionalização do futebol. Não acreditando que o profissionalismo no futebol fosse concretizado, jornalistas se mostravam céticos como nesta reportagem do *Correio de São Paulo*:

Somente quem se dispuser a lançar um olhar sereno e observador por tudo que se passa nos clubes e nas ligas de profissionais é que pode, debaixo da maior clareza, afirmar a absoluta impossibilidade do profissionalismo ser implantado nos nossos meios, principalmente se levarmos em conta uma série de observações bastante oportunas. O primeiro problema que se nos depara é a existência de um local, em que fossem realizados os encontros profissionais, pois, seria necessário que se dispusesse de um estádio bastante amplo onde pudesse ser agasalhada uma assistência numerosa que fosse suficiente e compensativa, quanto a sua renda, para serem cobertas as inúmeras despesas, que atingem a uma soma bastante considerável. Os jogos entre profissionais, para que conseguissem reunir um público relativamente numeroso era preciso que fossem tecnicamente,

infinitamente superior aos dos amadores, isto é, uma nítida melhoria do padrão do jogo.³

Em 1926, o *Club Athletico Paulistano* foi o pivô da discussão sobre amadorismo e profissionalismo “marrom” em São Paulo. O Clube tornou-se dissidente da Apea, com o mote de defesa do amadorismo puro, e da elitização dos clubes nas disputas futebolísticas. Dessa forma, o Paulistano torna-se fundador da LAF (Liga de Amadores de Futebol). Entre os anos de 1926 e 1929, o campeonato paulista teve duas versões, uma de cada entidade. Em 1930, o torneio foi re-unificado, mas com a eminente profissionalização, o Paulistano fechou seu departamento de Futebol.

Nos anos de 1920, a imprensa paulista ficou ao lado dos princípios do amadorismo, denunciando casos de profissionalismo, defendendo os princípios do esporte. Exatamente como a imprensa atual critica o *dopping*. Contudo a imprensa percebia que o amadorismo tornava-se um ideal que estava distante da realidade do futebol paulista nos anos de 1920.

Assim é inegável que o profissionalismo esteja profundamente arraigado ao futebol como uma úlcera latente que o corrói. Mesmo diante desta deplorável verdade, pode o Comitê Olímpico com justiça, retirar o futebol das próximas olimpíadas?⁴

Diante de tal contexto os periódicos ficaram atentos aos acontecimentos no Rio de Janeiro e em Buenos Aires sobre o dilema profissionalismo e amadorismo: “Porque não há dúvida que os profissionais, em nossas praças, recebem grandes ordenados, sem trabalhar. Isso é simplesmente desconsolador”.⁵ Qualquer aceno em direção ao profissionalismo era destacado. Paulatinamente, os periódicos se distanciavam da defesa do amadorismo, e migravam para o mal menor que seria o profissionalismo em detrimento a um profissionalismo “marrom”, como descrevemos no caso do Rio de Janeiro.

³ E. Silveira. Em torno da questão do profissionalismo. Correio de São Paulo, São Paulo, 2 jan. 1933, p. 5.

⁴ Será o futebol abolido dos torneios olympicos. Folha da Manhã, 1 ago. 1928, p. 9.

⁵ Notas e notinhas. Folha da Manhã, 21 ago. 1938, p. 6.

Buenos Aires, 3 (A) – Segundo El Diario, um dos mais importantes clubes da primeira divisão da Associação dos Amateurs Argentina de Futebol, convocará para muito breve, uma reunião dos delegados de diversos clubes de maior responsabilidade no futebol argentino, pra estudar, detalhadamente a ampliação do profissionalismo dentro das formas legais desportivas.⁶

Embora atenta aos fatos ocorridos nas principais cidades ao redor de São Paulo, o discurso moral em relação aos princípios do esporte não se perdia nos periódicos do final da década de 1930. A posição unívoca em defesa do amadorismo, entretanto, perdia espaço para a polêmica e do debate sobre amadorismo e profissionalismo.

A infiltração crescente de um profissionalismo sórdido, de uma ação subterrânea e proteiforme,, é que determina esse desvirtuamento, e essa confusão dos verdadeiros valores esportivos com os meros “profiteurs” da situação. (...) As expressões “amador” e “profissional”, palavras atualmente ocas de sentido, devem ter um objetivo bem definido na prática. Em caso contrário, não será de se espantar que qualquer dia se chegue a por em dúvida o que sempre representou o modo de ser do esporte: a honestidade de suas intenções culturais.⁷

A imprensa também já tratou longamente o caso. Não existe em São Paulo um cronista esportivo que esteja a favor do amadorismo, tal e qual é praticado. O Diario da Noite, há questão de dois anos, sustentou uma campanha pelo espaço de três meses em favor do profissionalismo futebolístico e em geral. Como vê, não é de hoje que se batem pela terminação do falso amadorismo.⁸

A partir dos anos de 1930 observa-se nos periódicos paulistas a ideia de que melhor o profissionalismo às claras, do que um amadorismo falso que possibilitava aos clubes pagamentos de remunerações menores. Este contexto criava as demandas necessárias para o êxodo de jogadores talentosos para o exterior, principalmente, para a Argentina e Europa. Quando se percebe que os melhores jogadores preferiam os salários profissionais, abriu-se a questão da necessidade de manutenção dos atletas em território nacional. Isto ocorre porque o futebol começava a ser visto como espetáculo, onde os

⁶ “A questão do profissionalismo em Buenos Aires”. Folha da Manhã, 4 mai. 1928, p. 9.

⁷ “A honestidade no esporte: que significam, afinal, as expressões amador e profissional?” Folha da Manhã, 7 ago. 1929, p. 9.

⁸ “Esporte e eugenia: o profissionalismo deve suplantar o falso amadorismo.” Folha da Manhã, 8 set. 1929, p. 11.

espectadores querem observar os grandes artistas defendendo seu clube de predileção. Portanto é em nome da qualidade do jogo, e da disputa entre os clubes na configuração do melhor esquadrao que o profissionalismo ganha espaço. Era preciso evitar a fuga de nossos craques:

Como estava anunciado, realizou-se ontem, o embarque para Buenos Aires do conhecido centroavante Petronilho de Brito, um dos jogadores mais prestigiosos em São Paulo. Antes de partir, Petronilho pediu a diversos jornais e agências que explicassem ao público que deixava a sua pátria exclusivamente por conveniências pessoais e pedia que não fizessem por isso qualquer mau juízo ao seu respeito. Prognosticando o advento do profissionalismo em nosso futebol, ajuntou, como já havia declarado antes, que estava cansado de ser explorado pelo amadorismo de “tapeação”, que existe entre nós.⁹

Ou ainda, outro caso de um jogador do São Paulo da Floresta:

Oromzibo esplendido médio do São Paulo, concedeu ontem a um dos vespertinos locais, uma interessante entrevista, em que afirma para terminar, que acredita que o profissionalismo terá que ser um fato no futebol paulista. Parece que todos menos os dirigentes de nosso futebol querem o profissionalismo.¹⁰

O depoimento de jogadores são repercutidos nos periódicos paulistas, junta-se a isto a fundação da Liga Carioca, que como descrevemos, foi imediatamente, noticiada em São Paulo. Como o Rio de Janeiro tomou o primeiro passo, São Paulo, insistindo no profissionalismo “marrom”, perderia muitos atletas também para o Rio de Janeiro. Entre os dia 24 de janeiro e 3 de março de 1933, a Apea sofreu pressões no sentido de tomar uma decisão sobre o assunto. Pouco mais de um mês depois da fundação da Liga Carioca, a Apea decide sobre a profissionalização com sete clubes fundadores, deles quatro, tornaram-se os grandes clubes de São Paulo. O jornal *Folha da Noite* transcreveu o estatuto reformado da APEA na íntegra. Alguns trechos:

Em sua reunião de 3 do corrente o conselho superior da Apea tomou as seguintes resoluções:

⁹ “Cansado de ser explorado pelo amadorismo.” *Folha da Noite*, 3 jan. 1933, p. 8.

¹⁰ “Declarações de Oromzibo”. *Folha da Noite*, 3. jan. 1933, p. 8.

Artigo 1º - Criar a Divisão dos fundadores, na qual são inscritos os clubes fundadores, que nesta data, tenham praça de esportes em condições de nela serem disputados os jogos do campeonato deste ano.

Parágrafo 1º - Classificar nesta divisão, em virtude da disposição retro, os seguintes clubes: Palestra Itália, São Paulo Futebol Clube, E C Corinthians Paulista, Associação Portuguesa de Esportes, Santos FC, Associação Atlética São Bento e Clube Atlético Ipiranga. (...)

Artigo 6º - Na divisão dos fundadores é permitida a remuneração oficial dos jogadores e os contratos destes com os clubes, devendo a turma principal de todos os clubes ser constituída em sua maioria por jogadores remunerados.¹¹

Finalmente o profissionalismo no futebol vence o profissionalismo “marrom” em São Paulo. Em uma confluência de interesses de jogadores e dirigentes, com o apoio da imprensa, se aceita a profissionalização. Enfraquecido politicamente como o fim da LAF, o Paulistano, um dos grandes clubes de futebol dos anos do amadorismo, mantém-se com seu departamento de futebol fechado, encerrando uma história de vitórias nos anos de 1910 e 1920.

Considerações Finais

Podemos observar a partir das fontes primárias, sobretudo, das fontes levantadas nos periódicos paulistas, que o amadorismo se sustentava em um discurso moral que estava longe da prática cotidiana do futebol dos anos de 1920. Assim, o conceito de amadorismo perde espaço paulatinamente à medida que jogadores brasileiros deixam seus clubes atrás de melhores oportunidades salariais na Europa e na Argentina. Com a profissionalização do futebol no Rio de Janeiro, os dirigentes paulistas ficam sem alternativa, pressionados por jogadores e imprensa, adotam o profissionalismo como estratégia de sobrevivência dos clubes. E a decisão, como o tempo, mostrou-se acertada, já que dos sete clubes fundadores, quatro se tornaram potências do futebol brasileiro. Da

¹¹ “A Associação Paulista adotou oficialmente o profissionalismo”. Folha da Noite, 5 mar. 1933, p. 14.

mesma forma no Rio de Janeiro, clubes resistentes à profissionalização, não tiveram alternativas, e uniram-se à Liga Carioca, como exemplo, o Flamengo. Caso contrário, seria o rubro-negro carioca o Paulistano do Rio de Janeiro?

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Fátima Martins. O Futebol nas fábricas. *Revista USP*, São Paulo, Dossiê Futebol, n. 22, p.102-9, 1994.

CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial: Memória do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CORREA, Floriano. *Grandezas e Misérias do Nosso Futebol*. Rio de Janeiro: Flores & Mano Editores, 1937.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, R.; LOVISOLO, H. R.; SOARES, A. J. *A Invenção do País do Futebol: Mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro. Mauad, 2001.p. 77-100.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Foi fundada no Rio uma Liga Profissional de Futebol. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 jan. 1933, p. 6.

PEREIRA, Leonardo Affonso. *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SALLES, José Geraldo do Carmo. *Entre a paixão e o interesse – o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro*. 2004. 482 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. *Futebol, Raça e Nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. 1998. 296 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

_____. O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade. In: HELAL, R., LOVISOLO, H., SOARES, A. J. *A Invenção do País do Futebol: Mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p.101-22.